



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS V – MINISTRO ALCIDES CARNEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE ARQUIVOLOGIA**

ADRIANA VASCONCELOS DA SILVA EVANGELISTA

**ARQUIVOS DE GÊNERO: A RELEVÂNCIA DA DIFUSÃO CULTURAL NO
ARQUIVO PESSOAL DE ANAYDE BEIRIZ**

**JOÃO PESSOA-PB
2019**

ADRIANA VASCONCELOS DA SILVA EVANGELISTA

**ARQUIVOS DE GÊNERO: A RELEVÂNCIA DIFUSÃO CULTURAL NO ARQUIVO
PESSOAL DE ANAYDE BEIRIZ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
Graduação em Arquivologia da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de bacharelado em
Arquivologia.

Orientador: Prof.^a Ma. Anna Carla da Silva Queiroz

JOÃO PESSOA
2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

E92a Evangelista, Adriana Vasconcelos da Silva.
Arquivos de gênero [manuscrito] : a relevância da difusão no arquivo pessoal de Anayde Beiriz / Adriana Vasconcelos da Silva Evangelista. - 2019.
37 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquivologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas , 2019.
"Orientação : Profa. Ma. Anna Carla da Silva Queiroz , Coordenação do Curso de Arquivologia - CCBSA."
1. Difusão cultural. 2. Anayde Beiriz. 3. Arquivo pessoal. 4. Arquivos permanentes. I. Título
21. ed. CDD 027.1

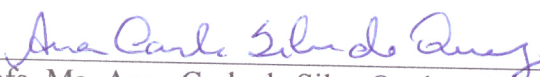
ADRIANA VASCONCELOS DA SILVA EVANGELISTA

**ARQUIVOS DE GÊNERO: A RELEVÂNCIA DA DIFUSÃO CULTURAL NO
ARQUIVO PESSOAL DE ANAYDE BEIRIZ**

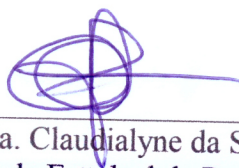
Trabalho de Conclusão de Curso de
Graduação em Arquivologia da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
bacharelado em Arquivologia.

Aprovada em: 18/06/2019.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Ma. Anna Carla da Silva Queiroz (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Ma. Claudialyne da Silva Araújo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Ma. Naiany de Souza Carneiro
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A todos que, de forma carinhosa, contribuíram
para esse momento. DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, a Ele toda honra e toda glória. Pois na hora de minha maior fraqueza estendeu-me a sua mão e me fez tornar a prosseguir na caminhada.

À minha orientadora, Anna Carla, por ter me aceitado como orientanda após alguns anos de afastamento do curso. Obrigada pela dedicação e felicidade de ter-me sugerido tão grandioso tema.

Aos meus pais pelo esforço de toda uma vida em me proporcionar sempre o melhor. Agradeço pela dedicação, paciência e conselhos valorosos. Sem vocês, nada seria possível.

Aos meus filhos, Sofia e Romildo Filho, pois tudo o que faço em minha vida é sempre direcionado a vocês. Amor maior desconheço.

As minhas irmãs, Aline e Andréa, sempre companheiras em todos os momentos, obrigada pelos meus sobrinhos Gustavo, Davi, Bárbara e Júlia que trouxeram alegrias para nossas vidas.

Agradeço aos meus colegas da Primeira Gerência Regional de Ensino, pelo companheirismo desses sete anos juntos, em rotinas estressantes de trabalho, momentos de laser, desentendimentos e perdões necessários. A Gabrielly Bianca, amiga de longa data, por seu intermédio fui transferida para a Gerência e lá encontrei uma profissão da qual tenho o maior prazer em exercê-la.

Aos meus colegas de classe do começo do curso pelos bons momentos que estivemos juntos. E aos meus novos colegas após o meu retorno a UEPB, a quem me aceitaram com todo amor e companheirismo, obrigada.

Ao todos os professores UEPB, por sua dedicação e competência, e em especial a professora Mara (in memoriam), a quem lembro com enorme carinho, sempre zelosa e paciente.

As professoras Claudialyne e Naiany, membros da banca, pela atenção em participar desse momento e pela contribuição valiosa em minha formação acadêmica.

A todos os funcionários da UEPB que trabalham com dedicação e presteza para o andamento das atividades.

A Faysa, Marillya, Petrônio e Robson, amigos inseparáveis. Compartilhamos lutas, alegrias, boas recordações e momentos de tristezas e incertezas em nossas vidas. Amigos no qual deixarão pegadas em meu coração. Vocês têm enorme parcela de contribuição no

meu retorno ao curso e fundamentais foram as palavras de incentivo nesse momento. A
vocês, muito obrigada!

Ouse, ouse... tudo!
Não tenha necessidade de nada!
Não tente adequar sua vida a modelos,
Não queira você mesmo ser um modelo para
ninguém e
Acredite: a vida lhe dará poucos presentes.
Se você quer uma vida, aprenda... a roubá-la!
Ouse, ouse tudo! Seja na vida o que você é,
aconteça o que acontecer.
Anayde Beiriz

RESUMO

O estudo propõe uma difusão cultural no arquivo pessoal de Anayde Beiriz como elemento propulsor enquanto fonte de acesso à informação. Uma mulher intrépida que ousou contra o conservadorismo paraibano dos anos 20 deixou como legado um rico acervo que se encontra disperso e alienado, muito fora destruído na época devido à perseguição sofrida. O Arquivo de Anayde Beiriz, de caráter pessoal, possui relevância sobre a constituição da memória coletiva paraibana no período da primeira década do século XX. O presente trabalho delinea-se como pesquisa documental por seu acervo ser constituído de cartas, fotografia, contos, recortes de jornais, etc. Mantém-se como pesquisa de cunho qualitativo pela maneira menos formal que a quantitativa, de sentido interpretativo movido pelo evento estudado e classifica-se como exploratória pela aproximação com o tema abordado. Conclui-se que por meio de ações culturais possibilita evidenciar a comunidade a mulher, poetisa e professora que foi Anayde Beiriz juntamente colocando o arquivo como espaço de mediação social e, com isso, colaborar para que tais ações sejam práticas cotidianas.

Palavras-Chave: Difusão cultural. Anayde Beiriz. Arquivo Pessoal. Arquivos Permanentes.

ABSTRACT

The study proposes a cultural diffusion in the personal archive of Anayde Beiriz as a propelling element as a source of access to information. An intrepid woman who dared against the Paraíba conservatism of the 1920s left as a legacy a rich collection that is scattered and alienated, much of it destroyed at the time due to persecution suffered. The Archive of Anayde Beiriz, of personal character, has relevance on the constitution of the collective Paraíba memory in the period of the first decade of the 20th century. The present work is delineated as documentary research because its collection is composed of letters, photographs, short stories, newspaper clippings, etc.. It remains as a qualitative research in a less formal way than the quantitative one, with an interpretative sense moved by the event studied and is classified as exploratory by the approach to the theme addressed. It is concluded that through cultural actions it is possible to highlight the community the woman, poet and teacher who was Anayde Beiriz along with placing the file as a space for social mediation and, thus, collaborate so that such actions are everyday practices.

Keywords: Cultural diffusion. Anayde Beiriz. Personal File. Permanent Archives.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | | |
|------------|---|----|
| Figura 1 – | Foto da morte de João Pessoa..... | 21 |
| Figura 2 – | Foto do assassinato ou suicídio de Dantas e Caldas em Recife..... | 21 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|----|
| Quadro 1 – Atividades de difusões culturais e educativas executadas por Arquivos europeus..... | 25 |
|--|----|

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IHGP Instituto Histórico Geográfico da Paraíba

IPHAEP Instituto do Patrimônio Histórico Artístico do Estado da Paraíba

PRP Partido Republicano Progressista

SUMÁRIO

| | | |
|------------|---|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 13 |
| 2 | BIOGRAFIA..... | 18 |
| 3 | DIFUSÃO CULTURAL/ARQUIVOS PERMANENTES..... | 23 |
| 3.1 | Arquivos Pessoais..... | 28 |
| 4 | METODOLOGIA..... | 31 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 33 |
| | REFERÊNCIAS..... | 35 |

1 INTRODUÇÃO

Arquivos são grandes fontes de informações culturais e também educativas, no entanto para que toda a sociedade tenha acesso a essa informação será necessário ações específicas que contemplem uma parte específica da comunidade além dos profissionais da área. Nesse sentido, a difusão pode denotar a partir da realidade ou prioridade da instituição um objetivo mais amplo, englobando ações de natureza educativa. Conforme Freire (2009, p.2) “As atividades culturais e educativas desenvolvidas nos arquivos, são as que melhor cumprem a função de transformá-lo num bem social, popular e da comunidade”.

A difusão cultural apresenta – se como uma prestação de serviço, dando visibilidade a informação relevante no acervo dos arquivos, ou da própria instituição, como também contribui para o exercício da cidadania como função social.

Nossa proposta é propor uma difusão cultural no arquivo pessoal de Anayde Beiriz, sob a tutela da sobrinha neta, Ialmita Grisi. A motivação principal para a temática do nosso trabalho surgiu da curiosidade pela história da poetisa. Não a consagrada pela versão oficial¹, que é perpassada por todos esses anos. Porém, aquela que revela a intrépida intelectual que foi Anayde Beiriz, através da difusão cultural em seu arquivo pessoal. “Difundir um acervo é uma oportunidade para o arquivo estreitar os laços com a sociedade e redimensionar sua função social, oportunizando ao público real e potencial, o seu conhecimento” (ARAÚJO, 2015, p.12).

Seu acervo é de extrema relevância enquanto fonte de acesso à informação nos documentos presentes em seu arquivo, para a sociedade, que por anos a relegou ao papel de mulher vulgar que transgredia os valores da época, período compreendido em 1920. Silenciada na memória coletiva da população anacrônica da Paraíba, “Anayde Beiriz horrorizou a elite retrógrada paraibana da época com suas atitudes vanguardistas. Integrou os grupos de intelectuais masculinos e espalhou a ideia da liberdade e da independência feminina” (SILVA, 2016, p.120).

Para o campo acadêmico, no qual podemos analisar seu arquivo pessoal promovendo acesso aos seus documentos em busca de uma construção do conhecimento a fim de reconhecer no profissional arquivista um agente cultural. Difundir a história real de Anayde,

¹Expressão construída pelos donos do poder onde preconiza e divulga as vitórias e sucessos alcançados por estes. E aqueles segundo o raciocínio da própria história oficial que sofreram derrotas, não tiveram sucesso em seus ideais, são esquecidos, silenciados, descaracterizados. São propagadas inverdades históricas, silenciados importantes acontecimentos que não são do interesse da classe dominante que sejam do conhecimento de todos e para conhecimento de gerações futuras.

conhecer seu potencial artístico e educativo. Na opinião de Freire (2009, p.1), “A implementação dessas ações deverá ter como objetivo garantir o sucesso educacional, ou seja, melhorar a qualidade da educação por meio da transformação do arquivo em um espaço atraente”.

Anayde Beiriz nasceu no início do século XX, em 18 de fevereiro de 1905 na capital da Paraíba, hoje atual cidade de João Pessoa. De família humilde, seu pai tipógrafo do Jornal *A União* e a mãe, dona de casa. Foi professora, poetisa e escritora, enfrentou o conservadorismo da época, tendo seu nome citado na História apontada como o estopim da revolução de 30², pelo envolvimento amoroso com o assassino do presidente João Pessoa. No versar de Silva (2016, p.129) “[...] Anayde se sentiu julgada pela sociedade, censurada publicamente por pretextos políticos e morais, tendo sua vida exposta em público”.

Aos 26 de julho de 1930, na cidade de Recife, era assassinado o Presidente da Paraíba, João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, morte que culminou no golpe de Estado sob a liderança de Getúlio Vargas, a “revolução de 30”. João Pessoa compunha a chapa da Aliança Liberal, a vice-presidência, em oposição ao candidato, Júlio Prestes do PRP, este apoiado pelo presidente à época, Washington Luís.

No período da Velha República no Brasil predominava o jogo político de alternância de poder para a presidência, entre as oligarquias dominantes de São Paulo e Minas Gerais, ato conhecido como política do café-com-leite. O intuito era sempre manter o controle político e econômico sob o poderio das elites dominantes vigentes. No entanto, as lideranças de Minas Gerais ficaram descontentes quando o presidente Washington Luís resolveu ir de encontro ao acordo existente, pois segundo Fausto (1995, p.319) “Os desentendimentos começaram quando, de forma surpreendente, Washington Luís insistiu na candidatura de um paulista à sua sucessão. Como se isso não bastasse, fechou questão em torno do governador de São Paulo, Júlio Prestes”.

Uma eleição marcada por várias questões e provavelmente por meio de fraudes, ganha para a presidência da República, o candidato Júlio Prestes, em 1º de março de 1930. Nesse espaço de tempo existia um movimento liderado pelo lado extremista da Aliança Liberal, no qual suscitava um movimento armado acaso o resultado nas urnas não fosse esperado pela chapa de Getúlio. Porém um fato abrupto ocorreu em Recife, que deu uma guinada para a revolução, a morte do presidente da Paraíba, João Pessoa (FAUSTO, 1985).

² Movimento armado liderado pelos estados de Rio Grande do Sul, Paraíba e Minas Gerais, com um intuito de destituir do cargo o então presidente Washington Luís. Período em que pôs fim à República Velha.

No Estado da Paraíba, havia uma grande crise política acontecendo devido à elevação de tributações de impostos por parte do presidente da Paraíba, João Pessoa. Pois este corta relações com os coronéis que detinham poder econômico, provocando assim, uma grande disputa entre poderes. O coronel João Pereira, da cidade de Princesa Isabel, dispõe de armamento contra João Pessoa se aliando com várias famílias importantes na época, uma delas a de João Dantas, futuro assassino de João Pessoa. Que no versar de Fausto (1995, p. 323) “A divergência de interesses e os ódios pessoais acumulados resultaram na revolta de princesa [...] sob o comando do “coronel” José Pereira (março de 1930)”. Nesse jogo de ofensas recíprocas que ocorria, a polícia invade o escritório de João Dantas, localizado na Avenida Duque de Caixas, a procura de um suposto armamento que serviriam de abastecimento para as tropas de João Pereira.

Contudo o que encontraram no cofre do referido algoz foram cartas de amor trocadas entre João Dantas e Anayde Beiriz, nos quais foram expostos na sede da polícia para quem quisesse lê-los. O assassinato de João Pessoa em Recife acaba servindo de alimento para forças da aliança liberal, que culmina num golpe militar para a destituição do presidente Washington Luís.

Conforme as palavras de Aranha (2005, p.40 apud Silva 2016, p.127)

Anayde conheceu os ardores de uma paixão amorosa que a conduziram à morte. Por amor, viu-se envolvida na tragédia política que causou a morte do governador da Parahyba, João Pessoa, e também a do seu amado, João Dantas. Seu nome, sua reputação, sua vida privada foram arrastados pela violenta maré de ódio e sangue que abalou a Paraíba naquele ano. Segundo Lau Siqueira, poeta gaúcho adotado pela Paraíba, “Anayde foi “assassinada” naqueles 22 de setembro”... pela hipocrisia, pela decadência e pelas mentiras do nosso tempo.

O acervo do arquivo pessoal da professora Anayde Beiriz encontra-se disperso e alienado, muito fora destruído em ocasião da perseguição sofrida na época. Foi uma mulher que ousou ir contra o conservadorismo paraibano dos anos 20, usava batom, fumava e saía desacompanhada vestindo roupas decotadas e provocantes. Ela frequentava espaços destinados exclusivamente para homens, período onde o controle e exploração das mulheres se davam por meio destes, nos espaços públicos e domésticos. Anayde almejava para as

mulheres, a emancipação social, igualdades de direitos e participação na vida política. Nas palavras de Bertha Lutz³,

O movimento feminino é geralmente uma reforma pacífica, mas nem por isso deixa de ser uma revolução de costumes, praxes e leis. A nenhum movimento melhor se aplica o conceito de Revolução permanente, criado por um observador contemporâneo (LUTZ apud, STURZENEGGER p. 221).

Em muitos arquivos permanentes existe um número incalculável de documentos de todos os tipos e de todas as épocas, que se constituem em riquíssimas fontes para a pesquisa e para os estudos educativos e histórico-educativos (FREIRE, 2009 p.01).

No entanto, nosso trabalho não foi executável, pois não foi possível o acesso ao acervo do arquivo pessoal de Anayde Beiriz pelo falta da localização do seu arquivo físico, dificultando uma difusão cultural no intuito desconstruir a imagem negativa que foi passada de forma comprometida pelos grupos que detinham o poder na época. No versar de Silva (2016, p. 130) “Além disso, ela foi vítima, não só de preconceito social, racial e sexual, mas também do julgamento coletivo, como resultado de uma comoção maquiada pelo grupo político, ao qual pertencia João Pessoa”.

Os acervos dos arquivos pessoais são ricos em fontes de pesquisa por consistirem informações relevantes para a memória ou resgate dela, entre os diversos documentos que o arquivo compõe. Por revelarem gostos, hábitos, valores da pessoa que o guardou. Onde, “Por um lado, porque sua vida, suas atividades e suas relações vão determinar e informar o que é produzido, recebido e retido por ela ou sob sua orientação” (HEYMANN. 1997, p.42).

Ao analisar o que já foi pesquisado para o presente trabalho, concluiu-se que poucos estudaram em relação a uma difusão cultural no arquivo pessoal da poetisa Anayde Beiriz, em função do esquecimento de sua história, onde segundo Silva (2016, p. 130) “E por esses motivos, a sociedade machista paraibana, por muito tempo, omitiu a verdade sobre quem era ela”.

Dado que hoje resta de seu acervo pessoal encontra-se sob a guarda de sua sobrinha neta, Ialmita Grisi, porquanto, muito fora destruído pela perseguição sofrida na época. A proposta se daria numa elaboração de uma exposição virtual, divulgando de forma acessível sua trajetória de vida, seu acervo pessoal e até uma parte da história da Paraíba. “Seu acervo

³ Bertha Maria Júlia Lutz (São Paulo, 02 de agosto de 1894 – Rio de Janeiro, 16 de setembro de 1976) foi uma ativista feminista, bióloga e política brasileira. Filha do médico Adolfo Lutz e da enfermeira Amy Fowler. Foi uma figura ilustre no movimento feminista e da educação do Brasil no século XX.

pessoal é constituído de cartazes de eventos, fotografia, contos, recortes de jornais, certidões, trabalhos sobre Anayde, cartas e o diploma” (SILVA, 2014, p. 38). Diante da descoberta do acervo de Anayde Beiriz, como proporcionar a difusão cultural no seu arquivo de modo que seu legado não fique relegado ao esquecimento?

Diante do exposto a hipótese do nosso trabalho é a inexistência do arquivo ocasionava sérios riscos à memória da Paraíba.

Assim nosso objetivo geral foi propor uma Difusão Cultural do Arquivo Pessoal de Anayde Beiriz. Tendo como objetivos específicos: mapear as cartas do Arquivo Pessoal de Anayde Beiriz; identificar o acervo arquivístico de Anayde Beiriz; investigar ações educativas no Arquivo Pessoal de Anayde Beiriz.

Nosso trabalho está dividido em cinco seções, iniciando com a introdução, na qual apontamos a justificativa do nosso trabalho, além dos objetivos, geral e específico.

Na segunda seção, “biografia”, no que concerne a narração da trajetória de vida de Anayde Beiriz, desde o seu nascimento, o romance com João Dantas e morte de João Pessoa, até sua trágica morte.

A seção seguinte, a terceira, abordamos sobre o referencial teórico, cujo direcionamento foi centrado no conceito de difusão cultural, arquivos permanentes e arquivos pessoais.

Na quarta seção discorreremos sobre a metodologia utilizada durante o trabalho.

Quanto à quinta seção, as considerações finais nele refletiram a relevância do nosso trabalho possibilitando contribuições futuras sobre a mesma temática.

2 BIOGRAFIA

Aos 18 de fevereiro de 1905 nascia na capital paraibana, Anayde Beiriz, a panthera dos olhos dormentes, codinome dado por amigos pelo belo par de olhos negros que possuía. Fez sua primeira comunhão na igreja Matriz da capital, Catedral Nossa Senhora das Neves, em 14 de junho de 1912. Diplomou-se em maio de 1922, na Escola Normal Oficial do Estado da Paraíba, sendo destaque em sua turma com apenas 17 anos de idade. Realizou o curso de datilografia na Escola Remington, recém-inaugurada na Paraíba.

Joffily (1983, p. 28) destaca, “Seu pai, José da Costa Beiriz, conquanto sem instrução superior, tinha amor às letras e se tornou conhecido pelo hábito de discutir problemas políticos e sociais. Também trabalhava na oficina d’**A União** [...]”. Sua mãe, dona de casa. Num cenário de vida simples em que ambos usufruíam, conseguiram matricular Anayde na Escola Normal para estudar, frequentada em especial por moças da classe média paraibana. De acordo com Buonicore (2001, p. 1),

No Brasil, por exemplo, as mulheres apenas puderam se matricular em estabelecimentos de ensino em 1827. O direito a cursar uma faculdade só foi adquirido cerca de 50 anos depois. Apenas em 1887 o país formaria sua primeira médica. As mulheres que ousaram dar esse passo rumo à sua autonomia e profissionalização foram socialmente segregadas.

Uma mulher intrépida, ousada em seus pensamentos e palavras, Anayde se configurava como uma pessoa à frente do seu tempo. Expressava-se com textos em linguagens irreverente e livre, em nada se assemelhava com os padrões impostos na época. Nas palavras de Joffily (1983, p. 30), “Versos e prosas que evidentemente nada tinham de obsceno, mas, a sombra medieval do puritanismo os excomungava como licenciosos ou mesmo pornográficos, [...]”.

Anayde possuía hábitos não condizentes com a sociedade machista paraibana do século XX, saía desacompanhada, fumava, cortou seu cabelo a moda *à la Garçonne*⁴, não usava as saias longas muito típicas da época, marca da submissão feminina (JOFFILY, 1995).

Sua única chance de trabalho foi o de lecionar na escola de pescadores da colônia em Cabedelo. Até se esforçou para trabalhar na capital, mas era hostilizada pela própria escola onde estudara conhecida por ter ideais de liberdade, empoderamento feminino, críticas ao governo, e tinha opiniões ao direito político feminino. Nem direito de votar as mulheres

⁴ Termo usado no linguajar da moda quando algum apetrecho feminino traz alusões masculinas, o termo advém do corte de cabelo que foi sucesso na década de 20.

daquela época possuíam, pois de acordo com STURZENEGGER (2018, p.226) “Por muito tempo houve preconceito e resistências de todo o tipo para que as mulheres ocupassem cargos públicos e pudessem contribuir na política brasileira”, questões nada aceitáveis para a época.

Joffily (1995, p. 20) ressalta que, “Moça prendada” sempre arranjava um bom casamento... Fora daí só o magistério para crianças, [...]. Estávamos no apogeu do esquema de dominação macho-fêmea. A luxúria era um pesadelo satânico”.

No período constituído pela República Velha, o espaço ofertado à mulher era o do lar, inclusive educada para as prendas domésticas. No versar de Sturzenegger (2018, p.226) “Dessa forma, entende-se que, propositalmente, as mulheres recebiam uma educação de pouca instrução ou, no máximo, voltada para representar bem e com elegância em seus lares, marido e filhos, em eventos privativos, valorizando os brasões das famílias”.

Anayde teve seu nome ligado à revolução de 1930 por ser namorada do advogado, João Duarte Dantas, assassino do então Presidente da Paraíba, João Pessoa. Foi professora, escritora e poetisa paraibana, escreveu para as revistas *Era Nova e Ilustrada*, na Paraíba e publicou poemas e prosa no jornal e revista de nome *Pilhéria*, no *Jornal do Recife*, e na *Revista da Cidade*. Era a única mulher a frequentar as reuniões literárias da casa do médico José Maciel (JOFILLY, 1985), amante da leitura, teve como influencia a Semana da Arte Moderna de 1922, movimento de intensa atividade literária.

Foi numa dessas reuniões em que conheceu o advogado e jornalista, João Dantas, com ele teve um relacionamento amoroso, ardente, um amor livre, fora dos padrões impostos pela retrógrada sociedade paraibana, em palavras de Joffily (1985, p. 22) “Sóbrio, taciturno e introvertido, João Dantas, com quase quarenta anos, surpreendeu seus colegas de profissão quando começou o romance com Anayde”.

João Pessoa em 1922 foi eleito governador da Paraíba, realizou uma administração que desagradava aos *coronéis* do interior e aos grandes comerciantes na época, uma de suas medidas foi deslocar para o litoral paraibano o predomínio comercial. Para Fausto (1995, p.323) “Suas iniciativas se chocaram com os interesses dos produtores do interior – sobretudo de algodão -, os quais negociavam por terra com Recife e escapavam facilmente à tributação”. Dentro dos que se encontravam contrariados pelas modificações empreendidas por João Pessoa, estava José Pereira, importante chefe político da região de Princesa, hoje Princesa Isabel, *coronel* com bastante influência dentro do estado paraibano e da região Nordeste.

O cenário político brasileiro para a presidência no começo do século XX foi constituída pelo poder oligárquico do estado de São Paulo e Minas Gerais, no jogo de rodízio ao cargo de presidente da república, política conhecida como café-com-leite. O presidente

Washington Luís descumpre o acordo e apoia para a presidência o paulista Júlio Prestes, causando nisso um rompimento entre os estados que levaria ao declínio da Primeira República. Contrariados com tal atitude, Minas entra em acordo com o Rio Grande do Sul e lançam a candidatura de Getúlio Vargas e João Pessoa pelo partido da Aliança Liberal.

O candidato paulista Júlio Prestes ganha as eleições em março de 1930, porém não assumi o cargo, pois no Recife ocorre o inesperado assassinato de João Pessoa, na confeitaria Glória, por seu adversário político, João Dantas. Havia entre estes uma intensa discordância de interesses e o ódio pessoal fora refletido em acusações mutua usando na imprensa. Joffily (1995, p. 63) relata, “Embora João Dantas não exercesse nenhuma outra atividade além da advocacia, e jamais tivesse disputado qualquer mandato eletivo, desempenhava importante papel nas hostes políticas de oposição ao Presidente João Pessoa”.

João Pessoa autoriza a polícia a invadir o escritório de João Dantas sob o pretexto de que havia armas no local a disposição das tropas de José Pereira. No entanto, o que encontraram foram as cartas de amor trocadas entre João Dantas e sua namorada Anayde Beiriz.

Assim, o amor entre os namorados foi vivido em poesias. Eles escreviam tudo o que sentiam e desejavam entre si. Correspondida, Anayde Beiriz viveria uma aventura amorosa que todo jovem deseja viver, tonando-se para João Dantas a companheira, a amada, a amante. Tal amor enfrentaria um tempo de turbulência na sociedade paraibana, pois os ânimos estavam exaltados entre os adversários políticos. (SILVA, 2016, p. 128).

As cartas encontradas no cofre do advogado foram expostas na sede da polícia para quem quisesse lê-las, divulgado pelo jornal *A União*, como atos imorais escritos que a decência da época não poderia expor ao público (FAUSTO, 1995). João Dantas ao saber do infortúnio ocorrido, lê em um jornal que seu inimigo, João Pessoa, se encontrava em Recife para uma homenagem, este foi à confeitaria *Glória*, atirou mortalmente contra o Presidente João Pessoa. Seguindo o raciocínio de Fausto (1985, p. 223), “O crime combinava razões privadas e públicas, mas, na época, só se deu destaque às últimas, pois as primeiras arranhariam a figura de João Pessoa como mártir da revolução”. Como também reitera Aires (2006, p. 13), “No entanto, a partir de julho seguinte, os papéis se invertem e, morto, João Pessoa passa a representar o verdadeiro mito em nome do qual se fará a tomada do poder, decretando, assim, o fim da ‘República Velha’”.

Ilustração 2: O corpo de João Pessoa, fotografado pela revista "O Cruzeiro" no dia do assassinato



Fonte: memorialdademocracia.com.br/card/joao-pessoa-e-assassinado-em-recife ⁵

Após a morte de João Pessoa, João Dantas e seu cunhado são levados para a casa de detenção do Recife, que pela versão da história oficial cometeram suicídio.

Ilustração 2: João Duarte Dantas



Fonte: higinovieira.blogspot.com/2008/07/joo-dantas-suicidio-ou-assassinato.html ⁶

Anayde Beiriz, no versar de Joffily (1985, p. 45) “Isolada pela maldição pública, desde a morte de João Pessoa, como se o tivesse assassinado, a professora paraibana viu-se forçada, em Recife, a mudar de poso pelo menos seis vezes, de 26 de julho a 22 de outubro”.

⁵ Disponível em memorialdademocracia.com.br/card/joao-pessoa-e-assassinado-em-recife > Acesso em jun. 2019.

⁶ Disponível em: < higinovieira.blogspot.com/2008/07/joo-dantas-suicidio-ou-assassinato.html > Acesso em jun. 2019.

Em 22 de outubro de 1930, suicida-se por envenenamento, e é enterrada como indigente no Cemitério Santo Amaro - PE.

É preciso sempre lembrar as situações degradantes que viveram as mulheres durante séculos e a luta persistente que travaram para, finalmente, conseguirem se firmar como cidadãs. É claro que muito ainda falta a ser conquistado, mas olhando para trás vemos o quanto já se caminhou. (BUONICORE, 2001, p. 01).

O que não era de duvidar, a decência da família paraibana nunca iria aprovar o relacionamento indecente de João Dantas e Anayde Beiriz, nas palavras das beatas de virtudes cristãs da sociedade paraibana do século XX (JOFFILY, 1985). Anayde diante do machismo que predominava na época sofreu a pior punição que uma mulher pode receber a da morte social, esta precedida da morte física. Ela, por se indignar com o papel imposto para as mulheres pelos donos do poder, dominou espaços que era exclusivos só para homens, por esse motivo foi colocada ao ostracismo, por reivindicar um maior espaço de expressão e direitos igualitários entre homens e mulheres.

3 DIFUSÃO CULTURAL / ARQUIVOS PERMANENTES

É com o surgimento da escrita na história da humanidade que surge o nascimento dos arquivos e da arquivística. Os arquivos possuem como finalidade a de atender as necessidades de seus usuários, custodiando documentos produzidos por entidades públicas ou privadas ao longo de suas atividades. Segundo o dicionário de terminologia arquivística (p.27) define arquivo como, “conjunto de documentos produzidos e acumulados por uma entidade coletiva, pública ou privada, pessoa ou família, no desempenho de suas atividades, independentemente da natureza do suporte”.

Seu objetivo é de recolher, tratar, conservar e disseminar informações (BELLOTTO, 2014), são depósitos de memória viva, constituídos por elementos culturais de uma sociedade, de uma região ou de uma raça. Sua relevância vai além de simples guardião de documentos, é sem dúvida o órgão encarregado pela sua proteção junto à sociedade. Constituído por documentos de variados suportes como gráfico, iconográfico, plástico ou fônico, livro, artigo de revista ou jornal, dossiê, carta, fotografia, fita magnética (BELLOTTO, 2004), o arquivo constitui base primordial para a história pelo número extraordinário de documentos de variados tipos e de diferentes épocas.

Para Rodrigues (2006, p. 104) conceitua arquivo como sendo, “[...] um reflexo da sociedade que o produz e o modo de interpretá-lo também acompanha as mudanças que ocorrem. Fatores tais como a finalidade dos arquivos ou os suportes utilizados já foram considerados como definidores do arquivo e, hoje, não o são mais”.

Além disso, Bellotto (204, p. 38), refere-se ao conceito de arquivo como

[...] órgão receptor (recolhe naturalmente o que produz a administração pública ou privada à qual serve) e em seu acervo os conjuntos documentais estão reunidos segundo sua origem e função, isto é, suas divisões correspondem ao organograma da respectiva administração; que os objetivos primários do arquivo são jurídicos, funcionais e administrativos e que os fins secundários serão culturais e de pesquisa histórica, quando estiver ultrapassado o prazo de validade jurídica dos documentos (em outras palavras, quando cessarem as razões por que foram criados); e que a fonte geradora é única, ou seja, é a administração ou é a pessoa à qual o arquivo é ligado.

As instituições valem ressaltar, públicas ou privadas, devem viabilizar espaços nos arquivos necessários para o atendimento ao usuário, a documentação utilizada, e aos funcionários existentes nele de forma adequada que possibilite o maior tempo de conservação do acervo ali custodiado. Ambiente em que o usuário se sinta confortável, com iluminação,

ventilação, organizado e limpo. “Resumidamente, o arquivo tem a função de receber documentos, tratá-los e conservá-los e, por fim, disponibilizá-los e fazer a ponte ‘documento-trabalho técnico-usuário’” (BARROS; TOGNOLI, p. 70).

Em muitos arquivos permanentes existe um número incalculável de documentos de todos os tipos e de todas as épocas, que se constituem em riquíssimas fontes para a pesquisa e para os estudos educativos e histórico-educativos (FREIRE, 2009, p. 1). Igualmente, os arquivos recolhem documentos provenientes de toda a vida administrativa das instituições no exercício de suas funções e atividades, que irão sendo acumulados respeitando a relação entre o documento e a ação que o gera, pois de acordo com Bellotto (2004, p. 23) “Esses documentos são, na realidade, os mesmos de que se valerão os historiadores, posteriormente, para colherem dados referentes ao passado, já no recinto dos arquivos permanentes”.

E novamente Bellotto (2004, p. 115) elenca acerca de um arquivo permanente

Um arquivo permanente não tem seu acervo constituído de ‘preciosidades’ colecionadas aqui e ali, recolhidas para que, com elas, o historiador estabeleça seu diferencial de fontes. Um arquivo permanente constitui-se de documentos produzidos em geral há mais de 25 anos pelos vários órgãos da administração pública – cada órgão vindo a constituir um fundo de arquivo – remanescentes de eliminação criteriosa.

Os documentos só poderão passar para o arquivo permanente os que realmente o fizer jus. Para tanto é necessário considerar que a proveniência, a função e a natureza do conteúdo das séries são na realidade as partes fundamentais desse merecimento. (BELLOTTO, 2004). Os documentos que já completaram todo o seu ciclo de vida e foram classificados de valor permanente podem ser recolhidos por entidades competentes que se encarregam de seu registro, acondicionamento, ordenação, descrição, indexação, preservação e difusão.

Como atividade social que um arquivo pode oferecer, mas pouco explorada no Brasil, diz respeito à de difusão cultural. Esta traz em sua conjuntura ações que permitem a propagação do conhecimento ali existente, facultando projeção na comunidade de modo popular e cultural. Além disso, o ambiente do arquivo pode e deve ser mais utilizado com ações educativas possibilitando que o conhecimento possa atingir ao recinto escolar também.

Dentre as atividades que a difusão cultural pode promover, as principais utilizadas em instituições arquivísticas brasileiras são: palestras, debates, lançamentos de obras, concursos sobre temas de história geral do Brasil, história regional, simpósios, congressos, jornadas e reuniões (BELLOTTO, 2004). As atividades atribuídas à difusão cultural é a que melhor se refere ao uso do arquivo e seus recursos que são disponibilizados dentro da instituição

arquivística. “A implementação dessas ações deverá ter como objetivo garantir o sucesso educacional, ou seja, melhorar a qualidade da educação por meio da transformação do arquivo em um espaço atraente”. (FREIRE, 2009, p. 1).

Existem variados tipos de atividades utilizados em arquivos que possibilitam a promoção de seu acervo o tornando-o atraente ao público interessado. Podem variar de acordo com o tipo de fundo que a instituição custodia, instalações disponíveis, políticas voltadas à educação e à cultura. Segue no quadro um as atividades de difusões culturais e educativas executadas por arquivos europeus, coletadas no manual *La función cultural de los archivos* e no livro *Archivo e cultura: manual de dinamización* (MINUZZO, 2010). De autoria do autor espanhol Alberch i Fugueras (1991; 2001).

Quadro 1: Atividades de difusões culturais e educativas executadas por Arquivos europeus

| | |
|---|--|
| ARQUIVO ÔNIBUS | Arquivo itinerante, inspirado nos modelos de bibliônibus e museônibus. Como finalidade divulgar o conteúdo e função do arquivo ou expor um tema específico |
| ARQUIVO INTERATIVO E VIRTUAL | Exposição virtual disponível em mídia de DVD ou CD ou via web. Possibilita o acesso aos fundos e series através de bases de dados. |
| AUDIOVISUAIS | Vídeos ou apresentações que dão suporte as outras atividades culturais e educativas em arquivo. |
| PASTAS PEDAGÓGICAS | Possuem a reprodução de documentos a serem estudados. Utilizados nas atividades pedagógicas entre alunos e professores. |
| EXPOSIÇÃO DE DOCUMENTOS | Permanentes, temporais ou itinerantes. |
| JORNADA DE “PORTAS ABERTAS” | Dirigido ao público adulto realizado durante um dia nas dependências do arquivo durante as visitas. |
| ITINERÁRIOS HISTÓRICOS E CULTURAIS | Promoção de caminhadas entorno do arquivo. |
| JOGOS | Voltados ao público escolar, são jogos voltados a pesquisa envolvendo enigmas históricos, mistérios e segredos. |
| MALETAS PEDAGÓGICAS | Voltado ao público escolar. |
| MAQUETES | Estimula o aluno a recriar ambientes histórico-sociais, utilizando a pesquisa com base em documentos de arquivo. |

| | |
|---|---|
| MUSEU DE ARQUIVOS | Exposições permanentes que ressaltam do fundo documental a parte mais relevante ou que são relativos a história local ou nacional. |
| PAINÉIS | Podem ser expostos em locais como feiras, congressos, seminários, ou em ambientes públicos como em estações de metrô, trens urbanos, ônibus. Os painéis são reproduções de documentos referentes ao local fixado. |
| INDICADORES DE QUALIDADES | Instrumento no qual permite avaliar o impacto dos serviços prestados aos usuários de arquivo. |
| PUBLICAÇÃO DE INSTRUMENTOS DE PESQUISA | Editados, impressos, digitais e online. |
| ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS DE INTERESSE PÚBLICO | O arquivo poderá promover seus próprios eventos (congressos, jornadas, colóquios etc.) convidando outras instituições a participarem e apoiando a eventos de outras instituições com o mesmo interesse. |
| QUINZE MINUTOS DE CULTURA | Arquivista comentava sobre uma série de documentos relacionados a um determinado tema, entre 15 a 20 minutos. |
| SARAI E LANÇAMENTOS DE LIVROS | Pode-se utilizar o espaço do arquivo para lançamentos de publicações literárias, ou a promoção de sarais literários. |
| TURISMO CULTURAL | Redação de folhetos e guias. |
| EXECUÇÃO DE PROJETOS DE PESQUISA JUNTO À OUTRA INSTITUIÇÃO | Organizado pelo ministério da educação francês, estudantes todos os níveis podem participar em grupo ou individual. |
| CURSOS GERAIS E ESPECIALIZADOS | Com temas de iniciação a leitura, o estudo de fontes primárias de histórias, estudos de genealogia, são cursos de atividades voltados a animação cultural e de formação. |
| PROMOÇÃO DE MARATONAS LITERÁRIAS | Ou outros temas das ciências sociais. |
| DRAMATIZAÇÕES E COMEMORAÇÕES | Organizados entre as comunidades teatro que relembram fatos históricos referentes à data comemorada. |
| PARTICIPAÇÃO DE ARQUIVISTAS EM OFICINAS DE HISTÓRIA | |

Fonte: Baseado em Minuzzo, 2010.

Pesquisadores e acadêmicos são o público que mais utilizam o arquivo em sua grande maioria, pelo fato de o conhecerem melhor e conhecerem suas especificidades. “O arquivo é a ‘consciência histórica’ da administração. Também pode sê-lo relativamente à comunidade, se souber captar as potencialidades que, nesse sentido, lhe oferece o acervo” (BELLOTTO, 2004, p. 228). Apesar disso, pode-se entender que a utilização de ações culturais para fins

lúdicos pode e deve ser mais explorada em ambientes escolar, proporcionando um enriquecimento acadêmico, cultural, social, histórico por partes dos alunos. Para isso, seria utilizado como atividade de difusão cultural no arquivo numa elaboração de uma exposição virtual, divulgando de forma acessível a trajetória de vida de Anayde, seu acervo pessoal e até uma parte da história da Paraíba. Atraindo dessa forma novos usuários para conhecer o Arquivo.

Bellotto (2004, p. 247) enfatiza o serviço de difusão cultural nos arquivos permanentes

Quando um arquivo público instala, alimenta, desenvolve e expande seus serviços editoriais, culturais e educativos, alinhando-os à sua função informacional administrativa e científica, ele preenche seu lugar por direito e por conquista na comunidade. Esta deve ver no arquivo uma tribuna e um manancial de direitos e deveres, um lugar de entretenimento e uma real fonte de cultura e saber.

A difusão cultural é uma atividade de suma importância para os Arquivos Permanentes, visto que este geralmente não desfruta de meios efetivos para a exposição de seu riquíssimo acervo. Na opinião de Ferreira apud Perez (2005, p. 1), “o processo de difusão vem a ser a divulgação, o ato de tornar público, de dar a conhecer o acervo [...] assim como os serviços que este coloca a disposição de seus usuários”. Vale ressaltar a possível ligação que se é capaz de fazer entre arquivo e educação, buscando assim referências em países que adotaram esse tipo de sistema e com isso moldar a realidade brasileira. É necessário que a atividade educativa arquivística passe a ser um exercício cotidiano (BELLOTTO, 2004). Utilizando no arquivo difusões culturais e ações educativas não apenas para fins casuais, no entanto, de forma sistemática aproximando o grande público no intuito de oferecer acesso à informação e promover uma criação de conhecimento.

3.1 ARQUIVOS PESSOAIS

Ao longo da vida as pessoas guardam consigo cartas, fotografias, objetos pessoais, diplomas, certificados ou recibos, documentos que testemunham experiências pessoais, culturais e costumes constituindo a trajetória de vida de seu titular. Ricas fontes de pesquisa para qualquer usuário, compondo dessa forma seu arquivo pessoal.

Uma vez reconhecida à importância cultural dos arquivos pessoais e dado o considerável interesse desses materiais para os usuários dos arquivos para a pesquisa familiar e para estudos históricos mais amplos, chegará a hora em

que os arquivos se concentrarão no pessoal e no privado. (OLIVEIRA, 2012, p. 30)

Para compreender que tais utensílios acumulados é como documento, faz-se necessário fundamentá-lo e construí-lo com a intenção de que os torne em documento, isto é, “para a produção de um documento é necessário um registro: intencional e controlado, esse registro pode ser tipificado, organizado, classificado, descrito, disponibilizado e indexado” (BARROS, p. 70). Na visão de Oliveira (2012, p. 33) ela esclarece a relação do documento com a vida do titular do arquivo. “Esses documentos, em qualquer forma ou suporte, representam a vida de seu titular, suas redes de relacionamento pessoal ou de negócio. [...]. São, obviamente, registros de seu papel na sociedade, num sentido mais amplo”.

Os arquivos pessoais são documentos considerados de caráter pessoal ou privado acumulado ao longo da vida de um homem ou mulher que teve sua importância histórica marcada numa determinada época. Servindo de elemento constitutivo para a construção na memória do indivíduo ou sociedade.

Sob muito tempo os arquivos pessoais, pelo seu caráter artificial, subjetivo e antinatural considerado assim pela teoria clássica (NEDEL, 2013) não foram considerados no meio arquivístico com arquivo, mas como coleções, e como tais foram custodiados pelas bibliotecas. “Os documentos de arquivo são documentos *de* e não *sobre* atividades”. (BEARMAN *apud* OLIVEIRA, 2012, p. 35). E quando foram incorporados a instituições arquivísticas, os acervos pessoais passaram a serem subcategorias dos arquivos privados, em palavras de Nedel (2013, p. 137) conceitua arquivos privados como “Conjunto de documentos produzidos e acumulados por uma entidade coletiva de direito privado, família ou pessoa, no desempenho de suas atividades, independentemente da natureza física”.

Sob a ótica de Bellotto (2004, p. 266) “Assim, pode-se definir arquivo pessoal como o conjunto de papéis e material audiovisual ou iconográfico resultante da vida e da obra/atividade de estadista [...], cientistas, escritores, artistas etc.”.

Também segue o raciocínio de Oliveira (2012, p. 33) que entende arquivo pessoal como, “[...] conjunto de documentos produzidos, ou recebidos, e mantidos por uma pessoa física ao longo de sua vida e em decorrência de suas atividades e função social”.

Como poderosas fontes de pesquisa os arquivos pessoais se configuram por valores construídos transcorrendo memória e patrimônio doado por esta ou aquela pessoa. No entendimento de Barros e Tognoli (2011, p. 67)

Portanto, deve-se compreender que os documentos produzidos na esfera pública e na esfera pessoal estão impregnados de valores sociais e individuais, como toda produção textual, aspectos que devem ser levados em conta na hora do tratamento documental.

Em um arquivo pessoal existe uma conexão que se constitui entre memória individual e coletiva. Individual, pois é composta por lembranças de toda uma vida de uma pessoa, no qual o homem interage e modifica o seu meio social. E coletiva por serem acontecimentos vividos por uma comunidade. “Diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que este mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com os outros ambientes” conforme Ferreira (2016, p. 12 *apud* HALBWACHS, 1999, p. 69). Com isso, a memória coletiva se relaciona com a individual, quanto mais relacionados são os grupos, mais ligadas são as memórias. Sendo assim, o fato importante não é o que o indivíduo lembra, mas o ambiente em que isso ocorre.

No entanto, são arquivos providos de informações fundamentais, pois os fundos pessoais de relevância para a memória são levados para os arquivos públicos, onde receberão o tratamento adequado para que sejam disponibilizados pelos usuários. Barros e Tognoli (2011, p, 73) elencam que,

Escritores, como Mário de Andrade, Machado de Assis e Graciliano Ramos, pintores como Lasar Segall, Cândido Portinari, figuras históricas, como Getúlio Vargas, têm seus documentos embebidos de uma memória rica e fundamental para a maior compreensão das realidades individuais e coletivas.

Contudo, o mérito dos arquivos pessoais deriva-se supostamente em relação à ligação orgânica dos fundos dos proprietários com sua área de atuação de valor político, científico, artístico etc. Valores produzidos, e sua produção transcorrem a memória e patrimônio deixados por estas pessoas (BARROS; TOGNOLI, 2011). Não são arquivos de pessoas simples que fizeram parte de uma época, são arquivos de homens ou mulheres, personagens que se destacaram em um determinado tempo da história, pois, assim sendo, “os arquivos de homens com reconhecida atuação pública é que têm servido, no Brasil, às primeiras experimentações metodológicas voltadas ao tratamento dos arquivos pessoais” (HEYMANN *apud* NEDEL, 2013, p. 138).

O profissional Arquivista é de extrema relevância como autoridade no tocante as suas funções, conquistando um novo lugar na sociedade e na Arquivologia. Torna-se agente fundamental ao acesso à memória da sociedade.

Os arquivistas estão, em parte, no negócio de assegurar que um arquivo pessoal considerado especialmente interessante para a sociedade como um todo seja incorporado em arquivos coletivos da sociedade e que constitua uma parte acessível da memória dessa sociedade, seu conhecimento e sua identidade cultural – a prova de nós mesmos.

São profissionais responsáveis cujo procedimento é único dentro da sociedade da informação, uma vez que não existe outro conhecedor competente desse tipo. Realiza o trabalho técnico, de forma organizada, para então prosseguir com a divulgação das informações contidas em acervos documentais. O Arquivista analisa o documento pelo documento. Trabalha na preservação deles de forma que o sentido inicial, aquele referido em sua produção, seja mantido. Os arquivistas devem buscar tornar acessíveis esses acervos para aos mais diversos tipos de usuários, não só os profissionais da área, porém toda população.

4 METODOLOGIA

Nosso trabalho classifica-se como exploratória pela identificação que possui com o problema proposto, aspirando ao pesquisador a explicar o objeto estudado, para melhor interpreta-lo. A pesquisa apresenta segundo palavras de Gil (2002, p.17) “[...] como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”.

O tema abordado requer uma aproximação com a pesquisa exploratória, pelo fato da mesma ser mais adequada permitindo um procedimento estreito com o que estar sendo proposto. Dessa forma, de acordo com Gil (2002), a pesquisa exploratória permite um vínculo estreito com o problema, tornando – o aparente, evoluindo para uma explanação de novas ideias e intuições. E com a pesquisa descritiva, pois cabe ao pesquisador fazer todo o procedimento (estudo, análise, registro etc.) sem sua interferência, visto que, “São incluídas neste grupo as pesquisas que têm por objetivo levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população”. (GIL, 2002, p. 28).

Para delineamento da pesquisa iremos aplicar a pesquisa documental, visto que [...] o material utilizado nas pesquisas documentais pode aparecer sob os mais diversos formatos, tais como ficha, mapas, formulários, cadernetas, documentos pessoais, cartas, bilhetes, fotografias, fitas de vídeos e discos (GIL. 2002, p. 88).

Quanto ao tipo de abordagem, utilizaremos a qualitativa, visto que, sob a ótica de Gil (2002, p.133) “A análise qualitativa é menos formal do que a análise quantitativa, pois nesta última seus passos podem ser definidos de maneira relativamente simples”.

O universo de nossa pesquisa irá ser o arquivo pessoal da poetisa Anayde Beiriz, e como amostra, documentos alusivos ao período do começo do século XX, mais precisamente as décadas de 20 e 30 de seu acervo pessoal. “Quase toda sua memória escrita foi consumida pelo fogo, vítima contra seu modo de agir naturalmente” (SIMÕES, 2008, p.83).

Usaremos do instrumento de observação não participante para coleta de dados, visto que o pesquisador desempenha um papel de testemunhador atento. Conforme Richardson (1999, p. 260), “Baseado nos objetivos da pesquisa, e por meio de seu roteiro de observação, ele procura ver e registrar o máximo de ocorrências que interessa ao seu trabalho”.

Nosso tema repercute na área à medida que observamos o trato com a difusão cultural na área da Arquivologia. Dessa forma, conseguimos entender a relevância de ambas como

uma função social concernente ao interesse público, proporcionando referencial de memória, estudo, criação de conhecimento dentre outros.

No versar de Couto (2009, p. 5), “É comum entre os arquivistas valorizar a difusão e os instrumentos de descrição, pois não há dúvida de que é vital para um arquivo a existência desse serviço”. Levando em consideração o atual estágio de dispersão do acervo, nosso projeto delimita uma possibilidade real de observação/debate sobre o processo de difusão cultural.

Dentro da função social da qual o arquivo faz parte, a difusão cultural através da ação educativa, contribui com possíveis soluções fruto de nossa pesquisa como: palestras, seminários, exposições, debates, lançamentos de obras, peça teatral, organizar e promover atividades de caráter acadêmico dentre outros. Com base nisso, o arquivo pessoal da professora Anayde Beiriz, pode ser um ambiente que remete a troca de experiência, qualificação profissional e resgate a memória da poetisa. “Essas atividades contribuiriam diretamente para a formação de cidadãos conscientes da importância e da representatividade de um arquivo para um indivíduo e para uma sociedade, em termos políticos, jurídicos, históricos, culturais etc.” (COUTO, 2009, p. 5).

Buscamos a concepção de arquivo pessoal nas ferramentas conceituais de Pontes (2015, p.101), “é a composição de documentos pessoais de cunho privado e público do titular, que representa sua própria história, materiais esses acumulados durante toda a sua vida [...]”. São documentos de diversos suportes, relacionados à construção da memória de si, produzidos por pessoas distintas em todo percurso de sua vida.

O possível mapeamento dos acervos dispersos poderia criar bases para constituição de novos olhares sobre o protagonismo feminino. Nesse contexto a proposta se daria na criação de uma exposição virtual para servir como instrumento difusor e propulsor das informações dispersas do acervo de Anayde Beiriz. Seu acervo é mesclado por várias espécies documentais como fotografia, contos, recortes de jornais, cartas, trabalhos sobre Anayde (SILVA, 2014). Levando de forma rápida e acessível ao usuário a divulgação de seu arquivo pessoal, sua história de vida e parte da história da Paraíba, utilizando um serviço eficiente e diferenciado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, percebe-se que todo arquivo pode atuar como fonte difusora, assim sendo a que melhor cumprem a função de transforma-la num bem social para a comunidade. São ações que estimulam a interação entre o público e a instituição arquivística, enriquecendo a construção de saberes na sociedade, visto que, revela uma memória social através do patrimônio cultural do qual o arquivo faz parte. Desta forma, difusão cultural em acervos de valor permanente carrega uma relevância pelo poder da visão que possuem com acontecimentos passados e fenômenos sociais.

Nesse sentido percebe-se a necessidade de ações educativas no arquivo pessoal de Anayde Beiriz com um intuito de retirá-la do esquecimento da qual sua vida fez parte, evidenciar a comunidade a mulher, professora e poetisa que foi Anayde Beiriz e possivelmente mostrar uma parte significativa da história da Paraíba intrinsecamente ligada a sua morte num dos mais importantes acontecimentos registrados no Brasil que foi a Revolução de 30.

No entanto, esta difusão foi prejudicada pela falta de localização do arquivo físico, no qual tivemos imensas dificuldades em encontrar informação para poder destrinchar melhor seu acervo. Para conseguir a localização do arquivo de Anayde Beiriz, cuja tutela está com sua sobrinha neta, Ialmita Grisi, fomos ao IPHAEP – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Estado da Paraíba, para obtermos alguma informação de sua localização. Para nossa desilusão a única pessoa que tinha o contato do lugar estava ausente por motivo de doença. Porém conseguimos entrar em contato com ela, no entanto não tinha mais nenhuma informação sobre o arquivo.

Logo depois fizemos contato via telefone com o IHGP – Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, falamos com a bibliotecária responsável pelo local, esta desconhece que exista um arquivo pessoal de Anayde Beiriz. Do mesmo modo o Centro da Mulher 8 de março não possui conhecimento da existência do arquivo.

Com a continuação de nossa jornada tivemos conhecimento que seu arquivo encontrava-se na *Galeria de Arte Gamela*, antigamente a Rua Almirante Barroso, 144, Centro, nas imediações do Parque Sólon de Lucena (Lagoa), num casarão antigo. No entanto, chegando lá, foi nos informado que a Galeria está fixada atualmente a Avenida Nossa Senhora dos Navegantes, 756/101 na praia de Tambaú. Tivemos informações pela internet do horário de funcionamento, visto que ao telefonarmos não obtivemos êxito no atendimento.

Como mencionado acima, à memória e o pouco que resta do legado de Anayde Beiriz ainda encontra-se em verdadeiro esquecimento pelas autoridades competentes, órgãos que deveriam dar suporte no tocante a preservação da história da Paraíba incorporada em seu acervo, resgatar e perpetuar a imagem de Anayde, por seu espírito emancipatório a favor das mulheres e símbolo do feminismo paraibano no início do século XX. O arquivo de fato existe, pois há trabalhos acadêmicos o mencionando, abordando a dificuldades em encontra-lo e empecilhos para consulta-lo.

Diante das dificuldades que encontramos na localização do arquivo pessoal de Anayde Beiriz, adicionalmente vemos como continuação para trabalhos futuros a possibilidade de sensibilizar a guardiã do arquivo, a sua sobrinha neta, Ialmita Grisi, em fazer uma doação do acervo de Anayde para alguma instituição pública na possibilidade de receber tratamento adequado, para depois expô-la e utiliza-la da forma correta. Com o intuito que as pessoas possam manter esse ambiente para visitaçao utilizando essa informação para fortificar seus conhecimentos, pois são histórias e memórias relegadas ao esquecimento.

Não se pode simplesmente trancafiar esse rico acervo e deixa-lo guardado a seu bel-prazer, negando à memória de Anayde a devida retratação de sua tão sofrida e injusta história de vida e conseqüentemente negar à sociedade a construção de novos saberes diferente do que fomos habituados a conhecer.

REFERÊNCIAS

- AIRES, José Luciano de Queiroz. **Inventando Tradições, Construindo Memórias: “A revolução de 30” na Paraíba** / José Luciano Queiroz Aires. – João Pessoa: 2006. Disponível em: livros01.livrosgratis.com.br/cp066607.pdf. Acesso em: 10 de maio. 2019.
- ARANHA, Marcus. **Anayde Beiriz-Panthera dos Olhos Dormentes**. João Pessoa: Manufatura, 2005.
- ARAUJO, Neide Rodrigues. A importância da realização de ações culturais e educativas em Arquivos. 2015.26. **Trabalho de Conclusão de Curso**. Universidade Federal da Paraíba. Departamento de Ciência da Informação. João Pessoa, 2015. Disponível em: www.ccsa.ufpb.br/arqv/contents/documentos/061NeideRodriguesdeAraujo.pdf. Acesso em: 15 de set. 2019.
- ARQUIVO NACIONAL (Brasil). **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro, 2005. 232p., Publicações Técnicas, n. 51, ISBN: 85-7009-075-7. Disponível em: www.arquivonacional.gov.br/images/pdf/Dicion_Term_Arquiv.pdf. Acesso em: 22 de abr. 2019.
- BARROS, Thiago Henrique Bragato; TOGNOLI, Natália Bolfarini.. As Implicações Teóricas dos Arquivos Pessoais: Elementos Conceituais. **Ponto de Acesso** (UFBA), v. 5, p. 66-84, 2011. Disponível em: www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000010210/9096a1a18d5374c14f51084d46caa19a Acesso em: 03 de mai. 2019.
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos Permanentes: Tratamento documental**. 4ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.
- COUTO, Renata Fratini Pires Do. Educação Patrimonial em Arquivos. **Histórica** – Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo, n. 34, 2009. Disponível em: <http://www.historica.arquiwoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao34/materia05/>. Acesso em: 11 de nov. 2018.
- DA SILVA, Aurení Maria. Anayde Beiriz: mulher moderna numa Paraíba antiga. **Revista de Ciências Humanas**, Viçosa, MG, n. 1, dez. 2018. ISSN 2236-5176. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/ojs/RCH/article/view/1367>. Acesso em: 07 ago. 2018.
- FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo. Edusp, 1995. Disponível em: <https://blogdorusuca.files.wordpress.com/2012/02/boris-fausto-histic3b3ria-do-brasil.pdf>. Acesso em: 29 de abr. 2019.
- FERREIRA, Emmanuelle Pereira. **Difusão Cultural no arquivo permanente do Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba**. [manuscrito] / Emmanuelle Pereira Ferreira. – 2016. 42p. : il. Color. Disponível em: dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/11924/1/PDF%20-%20Emmanuelle%20Pereira%20Ferreira.pdf. Acesso em: 13 de mai. 2019.
- FREIRE, Luiz Gustavo Lima. Difusão educativa em arquivos. **Histórica**: revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo, n.34,2009. Disponível em

[:http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao34/materia06/texto06.pdf](http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao34/materia06/texto06.pdf). Acesso em: 28 de ago.2018.

JOFFILY, José, 1914- **Anayde: paixão e morte na Revolução de 30** / José Joffily. – Rio de Janeiro: Record, 1983.

HEYMANN, Luciana Quillet. Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Müller. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 10, n.19, p. 41-66, 1997. Disponível em : <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2041/1180>. Acesso em: 14 de abr. 2019.

MINUZZO, Liziane Ungaretti. Atividades culturais e educativas em arquivos: um estudo de caso sobre o Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho. 2010. **Trabalho de conclusão de Curso**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/28449>. Acesso em: 26 de jun. 2019.

NEDEL, Letícia Borges. . **'Da Sala de Jantar à Sala de Consultas: o arquivo pessoal de Getúlio Vargas nos embates da história política recente'**. In: TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joelle; HEYMANN, Luciana. (Org.). **Arquivos Pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa**. 1ed.Rio de Janeiro: Editora FGV/FAPERJ, 2013, v. 1, p. 131-164.

OLIVEIRA, Lucia Maria Velloso de. **Descrição e pesquisa: Reflexões em torno dos arquivos pessoais** / Lucia Maria Velloso de Oliveira. – Rio de Janeiro: Móbile, 2012.

PEREZ, Carlos Blaya. **Difusão dos arquivos fotográficos**. In. Peres, Rosanara Urbaneto. Org. Caderno de Arquivologia: 2. Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, curso de Arquivologia. Santa Maria, 2005. Disponível em: www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371151497_ARQUIVO_Texto_ANPUH_2013_Isabel_Arendt_final.pdf. Acesso em: 18 de nov. 2018.

PONTES, Vanildo Pereira . A construção da memória através de um arquivo pessoal: o caso do arquivo do poeta Alberto de Moura. **Páginas A & B. Arquivos & Bibliotecas** , v. 3, p. 101-118, 2015. Disponível em: ojs.letras.up.pt/index.php/paginasueb/article/view/667. Acesso em: 04 de out. 2018.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas** / Roberto Jarry Richardson; colaboradores José Augusto de Souza Peres ... (et al.). – São Paulo: Atlas, 1999. Disponível em: <https://elizabethruano.files.wordpress.com/2016/08/richardson-2012-roteiro-de-um-projeto-de-pesquisa.pdf>. Acesso em: 23 de out. 2018.

RODRIGUES, Ana Márcia. Lutterbach.; A teoria dos arquivos e a gestão de documentos. **Perspect. ciênc. inf.** [online]. 2006, vol.11, n.1, pp.102-117. ISSN 1981-5344. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-99362006000100009>. Acesso em: 20 de mai. 2019.

SILVA, Alômia Abrantes da. Paraíba, mulher-macho: Tessituras de gênero, (desa)fiões da história / Alômia Abrantes da Silva. – Recife: O autor, 2008. 252 folhas: il., figuras. **Tese** (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. História, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7230>. Acesso em: 22 de mar. 2018.

SIMÕES, Ricardo Japiassu.. Trocando ideias: em visita a Anayde Beiriz – Peregrina da Liberdade (Ensaio). **Ciências & Tópico**, v. 32, p. 71-87, 2008. Disponível em: <https://periodicos.fundaj.gov.br/CIC/article/view/804/0>. Acesso em: 22 de mar. 2018.

STURZENEGGER, Karen Freme Duarte. . Emancipação Feminina na República Velha. Caderno **Humanidades em Perspectivas**, v. 3, p. 220-232, 2018. Disponível em: <https://www.uninter.com/cadernosuninter/index.php/humanidades/article/view/825>. Acesso em: 13 de mai. 2019.